

Globethics Repository



O crime violento como espetáculo [Violent crime as a spectacle]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Niche Teixeira, Alex
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-15 08:37:29
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163382

como cordial e conciliadora. O cinema novo questionava essa representação pacífica. Hoje, a violência faz parte do reconhecimento nacional, além de que tem havido um aumento de violência, por isso o tema está fortemente em pauta. Hoje se aborda muito a relação entre pobreza e violência. Acho que todos esses filmes têm seu mérito, cada um a seu modo. *Cidade de Deus*, por exemplo, está muito bem acabado e dá ao cinema brasileiro uma potência e uma cumplicidade com o público que não tinha há muito tempo.

IHU On-Line- Quais as relações entre jovens e violência que o cinema e a tevê estabelecem?

Esther Hamburger- As abordagens são muito diversificadas. A minissérie da Globo, *Cidade dos Homens*, por exemplo, mostra diversas relações possíveis entre o jovem e a violência. Inclusive, no ano passado, houve um episódio em que mostravam um jovem branco de classe média e um jovem negro pobre deixando em evidência algumas visões estereotipadas que cada um tinha do outro. Geralmente na mídia há um estereótipo que associa mais a violência às pessoas jovens, de sexo masculino, negros e pobres. Por outro lado, não se pode pretender que o cinema e a tevê se amarrem à realidade, ao politicamente correto. O artista representa utopias, talvez isso consiga mudar alguma coisa.

IHU On-Line- As pesquisas que estabelecem relação entre o grau de violência das pessoas e as horas em que elas assistem a imagens violentas na TV estão ultrapassadas?

Esther Hamburger- É muito difícil provar essa relação, eu diria impossível. Essas pesquisas partem do princípio de que aquele conteúdo de TV não tem nada a ver com o jovem que está assistindo, que a única relação que ele tem com esse conteúdo é o que vê. Isso é uma falácia, porque as pessoas que produzem televisão e as que assistem a ela vivem na mesma sociedade. Fazem parte de um mesmo repertório. Também não podemos dizer que a produção desse conteúdo não tenha nenhum intuito. Seria muito ingênuo achar que o conteúdo do que vai ao ar não faz diferença nenhuma, e muitas pesquisas de recepção tendem a ir por aí. A falta de problematização das representações da violência acaba naturalizando certas imagens e relações. A violência, de tanto ser vista, torna-se assunto que justifica cobertura, seria uma das celebridades que tem direito a ocupar espaços midiáticos.

O CRIME VIOLENTO COMO ESPETÁCULO

Entrevista com Alex Niche Teixeira

*Alex Niche Teixeira é mestre em Sociologia pela UFRGS, com dissertação intitulada **A espetacularização do crime violento pela televisão: o caso do programa Linha Direta**. Ele é professor nas Faculdades Rio-Grandenses – FARGS. Alex concedeu entrevista a IHU On-Line sobre a violência no programa Linha Direta. Os interessados podem encontrar a dissertação do professor no sítio www.professoralex.pop.com.br. O Instituto Humanitas Unisinos publicou no **Cadernos IHU Idéias** número 3 o artigo O Programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo, escrito pela jornalista Sonia Montaña.*

IHU On-Line- De que maneira o Sr. percebe a violência na TV de modo geral? Essa violência está mais presente em que tipo de programas e de que forma?

Alex Teixeira- A violência está na televisão assim como está na sociedade. Nesse sentido, não cabe perguntar se a televisão reproduz a violência ou a "cria". Os "media" já não podem mais ser tratados como uma instância que se opõe à realidade. Estamos num tempo em que nossa noção de real é perpassada pelos meios de comunicação, de tal forma que parecemos somente

existir dentro desta rede de informações. Cada vez mais é difícil fazer uma distinção entre o real e o simulado, e isso pode significar que as interações sociais ganham cada vez mais este aspecto dramatizado, espetacular, da vida apresentada pela televisão. O drama, o apelo desmedido às emoções caracteriza a maioria dos programas que abordam temáticas violentas, não parecendo mais caber distinções sobre gênero, como “programa de jornalismo”, “programa de entretenimento”, etc. Veja-se o Linha Direta da Rede Globo, que mistura jornalismo, dramaturgia e ainda acrescenta uma forma de interação com os espectadores no intuito de conseguir informações acerca dos casos criminais apresentados.

IHU On-Line- O que se pode dizer em relação aos efeitos que a violência televisiva pode produzir em adolescentes e jovens e na população em geral?

Alex Teixeira- Há uma tendência geral entre os estudiosos do tema em afirmar que a violência nos meios de comunicação não tem o poder de estimular a violência na sociedade. Um dos argumentos mais antigos para isso é o de que a televisão é uma senhora de 50 anos enquanto a violência é um fenômeno milenar. No entanto, diversos estudos realizados com crianças e adolescentes, principalmente na área da psicologia, têm demonstrado que a exposição a imagens de violência dentro de determinados contextos narrativos pode provocar alguns efeitos sim. Não se trata de uma cena de violência tomada isoladamente, mas do tratamento que é dado a ela. Em outras palavras, quando, em um filme ou novela, o agressor não recebe nenhuma sanção pelo ato violento cometido isso pode colaborar para a construção de uma noção de permissiva relativa a comportamentos agressivos. Da mesma forma, quando a violência parece não causar dano àquele que a sofre, cena comum em alguns desenhos animados, pode-se estar contribuindo para a insensibilidade e, portanto, a naturalização de comportamentos violentos.

IHU On-Line- Como é construído esse espetáculo de violência televisiva no programa Linha Direta?

Alex Teixeira- O Linha Direta é um programa peculiar na história da abordagem à criminalidade violenta na televisão brasileira. Embora já houvesse existido “O homem do sapato branco”, “Cadeia Nacional”, “Aqui Agora” e mesmo “Cidade Alerta” e “Brasil Urgente” pela primeira vez juntou-se jornalismo, dramaturgia e interação em um só programa com esta temática. Além disso, há elementos para afirmar que, a partir de sua atuação, de aparente cooperação com as agências formais de controle (polícia e justiça), o Linha Direta opera uma relativização dos papéis destas instituições na sociedade, na medida em que procura legitimar um campo próprio de construção de verdades sobre vítimas e criminosos, uma vez que grande parte do levantamento das informações sobre os casos apresentados é feita pelo próprio programa. A “linha direta” oferecida aos espectadores para realização das denúncias é um canal indireto de realização da justiça, como a consolidar que a única forma de se fazer justiça neste país é por intermédio da ação dadivosa.

IHU On-Line- O que faz com que o programa permaneça no ar durante tanto tempo e tenha estado, muitas vezes, em quarto lugar na audiência da Globo?

Alex Teixeira- Há, pode-se dizer, um atrativo nas mensagens sobre a violência que é de caráter geral, e caráter geral e basta olhar rapidamente para as pautas de jornais e programas de tv ou de rádio para confirmar aquela máxima de que “violência, assim como sexo, vende”. Mas quando a violência está relacionada com questões como a impunidade, que varia de acordo com os contextos sociais, o público brasileiro pode apresentar um interesse especial, pois não se pode perder de vista o histórico recurso à violência para a resolução dos conflitos

de toda a ordem na sociedade brasileira, na maioria das vezes, por parte dos próprios poderes públicos. Há uma demanda por justiça, e o interesse pelo programa pode estar baseado nesta necessidade da população brasileira de encontrar canais de participação, nem que seja pela delação, o que propõe o programa.

Mas também há uma questão menos politizada desta relação com os meios de comunicação, que é a necessidade de as pessoas verem o trágico e se confortarem por aquela situação apresentada não estar acontecendo com elas. Aliás, no que se refere à grande audiência do programa, provavelmente este aspecto de entretenimento, que leva à catarse, opere com mais eficácia. Não tenho dados de recepção para afirmar nada a respeito disso, mas acredito que a audiência média tenda a assistir ao programa mais pelo envolvimento emotivo, provocado pelos dramas pessoais reconstruídos pelo Linha Direta do que pela possibilidade de colaborar com a justiça.

DESTAQUES DA SEMANA

Análise de Conjuntura

FHC, LULA E A “MISSÃO PAULISTA”

*Artigo de Marcos Augusto Gonçalves, editor de Opinião da **Folha de S. Paulo**. Foi publicado naquele jornal em 30-10-03, sob o título **FHC, Lula e a “missão paulista”**. O autor rememora as afinidades históricas CUT-USP-Fiesp e as origens comuns do PT e do PSDB na luta pela redemocratização. Registra a guinada à direita dos governos de FHC mas assinala que, apesar disso, o PT ainda tem mais afinidades programáticas com o PSDB (ao menos com a esquerda peessedebista) do que com seus atuais aliados. Ao ignorar as potencialidades dessa aliança, o atual governo atua “aquém da fronteira a ser desbravada”.*

O governo petista poderia ser visto como mais um episódio do processo de retomada da hegemonia política pela sociedade emergente paulista depois do ciclo militar. A aliança formada em São Paulo por ocasião da luta pela redemocratização, que poderia ser resumida na trinca "CUT-USP-Fiesp" [Federação das Indústrias do Estado de São Paulo] (como sugeriu em outros tempos o sociólogo Gilberto Vasconcellos, autor de **O Príncipe da Moeda**, Editora Espaço e Tempo, 1997), produziu um agrupamento político no qual as diferenças entre as partes não impediram o compartilhamento de ações e de visões. Nessa perspectiva, o governo Lula seria ainda um desdobramento do projeto político modernizador que unia a frente paulista antes da expansão de seu núcleo e de sua subdivisão. A candidatura de Fernando Henrique ao Senado, em 1978, foi um dos momentos exemplares dessa conjunção. Ali, a *intelligentsia* uspiana, a nova elite sindical e parte da avenida Paulista estavam perfeitamente representadas. Além dos anseios democráticos, esse ajuntamento político, por mais que divergisse, foi moldando um patrimônio comum de aspirações "civilizatórias", progressistas e republicanas: uma nova Constituição, desenvolvimento econômico, modernização das relações capital-trabalho, eficiência e impessoalidade na gestão da coisa pública, promoção da cidadania, redução das desigualdades, etc.

O interregno entre o fim da ditadura e a chegada do primeiro representante legítimo da "missão paulista" à Presidência, precisamente o senador-sociólogo, serviu para demonstrar que a